PORTUGAL DEMOCRATICO

ANO X — N.º 106 — SÃO PAULO, MAIO DE 1966 — REDAÇÃO: RUA CONSELHEIRO FURTADO, 191, — SALA 2 — CAIXA POSTAL — 62 48

A SANTA ALIANÇA... Demagogia Salazarista

VERWOERD

"O PODER MAIS ALTO, DEUS, INSPIRA A ÁFRICA DO SUL"

IAN SMITH

"DEMOS UM GOLPE PARA SALVAGUARDAR A JUSTIÇA, A CIVILIZAÇÃO E A CRISTANDADE"

SALAZAR

"A VERDADE É QUE O AMALDIÇOADO COLONIALISMO LEVOU A PAZ À ÁFRICA..."

Um grande jornal estrangeiro, apontando a decadência intelectual de Salazar escreveu recentemente que, hoje, êle só não se mostra infantil quando faz funcionar o seu aparelho de repressão. Há exagero na opinião. Mas, de qualquer modo, o comportamento do velho ditador nas últimas semanas parece confirmá-la. Dir-se-ia que os delicados problemas criados ao fascismo português pela situação não menos delicada em que se acham colocados os seus aliados de Salisbury desorientaram o velho ditador. A sua decisão de apoiar até ao limite do possível o govêrno racista de Ian Smith não vem sendo servida por um mínimo de discernimento.

Os discursos pronunciados a respeito do assunto são peças de ódio; quanto à ação diplomática, além de inhábil, é de um ridículo que roça pelas fronteiras da comicidade. Uma coisa é certa: Salazar está resolvido a ir até ao fim de braço dado com os dois outros membros da "Santa Aliança": Verwoerd e Ian Smith. Entretanto, menos astuto e, sobretudo menos paciente do que os comparsas, reage intempestivamente a tudo o que se opõe à concretização do seu sonho: o fortalecimento do bastião racista e colonialista africano formado por Angola, Moçambique, África do Sul e Rodesia. E, por estranho que tal pareça, no momento em que se acumulam as condenações de organismos internacionais contra esta última, não é de Salisbury que partem as maiores diatribes contra as Nações Unidas e contra Londres: é de Lisboa! Tôda a imprensa fascista, obediente ao lamiré de São Bento, vomita fel — pasmai leitores — contra "o imperialismo britânico" e "a perfidia tradicional da Inglaterra". Até o Ultimatum foi desenterrado e jornais há, por piada, que estão sugerindo a denuncia da "aliança inglêsa".

A diferença entre a relativa serenidade de Smith e a fúria incontida de Salazar ante a Resolução que autorizou Londres a estabelecer o "bloqueio" do porto da Beira, só pode depor a favor da esperteza do primeiro. Raposa experimentada, o fazendeiro de Salisbury sabe perfeitamente que o "bloqueio" não o impede de receber petróleo pelas fronteiras da África do Sul. Ian Smith tem seus motivos para crer que a Inglaterra não está mesmo interessada em derrubá-lo. E é Salazar quem toma as suas dores e se proclama vexado pela marcha dos acontecimentos. Na sua cólera impotente, não se limita a vasculhar a história pregressa do imperialismo britânico e das duplicidades do govêrno de Sua Majestade Graciosa. Investe também contra a NATO e considera os Estados Unidos co-responsáveis pelo rumo desastroso que as coisas estão levando em seu entender. De um dia para o outro, o famigerado Tratado, antes exaltado em todos os tons, passou a ser uma velharia sem interêsse. Em entrevista ao "Chicago Tribune" (21 de Abril) foi mesmo mais longe, declarando que "a NATO é inoperante tanto do ponto de vista militar como do político".

Uma vez na vida fugiu-lhe a boca para a verdade. Mas a sua atitude é comparável à do cachorro que arreganha os dentes ao dono, mas mete o rabo entre as pernas quando recebe em troca a primeira paulada. Não tardarão a dar-lha os patrões de Londres e Washington. Bem pode a imprensa de Lisboa mostrar-se impante de orgulho com a "independência" do chefe, comparando-o já ao general de Gaulle, sôbre o qual derramam agora os plumitivos fascistas torrentes de elogios. O fato é que enquanto a França exige a retirada das bases estrangeiras do seu território, Salazar nesse capítulo pensa de outra maneira: quanto mais bases estrangeiras melhor. Os inglêses podem continuar no Montijo, os alemães em Beja e os americanos nos Açores. Não quer êle outra coisa!

PORTUGAL DEMOCRATICO

Nesta Edição:

- Solidariedade Mundial aos Estudantes Portugueses — Pág. 4
- Democratas portugueses do Canadá dirigem-se à Justiça Espanhola — Pág. 5
- Presos políticos torturados em Lisboa — Pág. 6
- Lições de uma greve vitoriosa — Pág. 7
- A marcha acidentada da crise rodesiana — Pág. 8
- Reaberto o campo de concentração do Tarrafal — Pág. 8

O Obscurantismo Salazarista - XII

AINDA OS ESCRITORES

Joaquim Barradas de Carvalho

Em números anteriores do nosso jornal, ocupámo-nos, nesta série de artigos da repressão exercida sôbre os escritores pela Ditadura fascista de Salazar. Mencionámos fatos de ontem e de hoje, ao acaso da nossa memória, e ao acaso das informações que nos chegam de Portugal e que nos mostram que a onda de repressão atingiu nestes últimos meses proporções jamais alcançadas. Hoje, como ontem, vamos ocuparmo-nos de mais alguns destes tristes acontecimentos, sempre ao acaso da nossa memória e das notícias que nos chegam.

Chega-nos a informação de que a colaboração em jornais e revistas, a simples notícia do aparecimento das obras literárias, as críticas feitas a essas obras, e até mesmo a mera publicidade editorial. quando se trata de determinados escritores, é interditada pela Censura. Esta medida repressiva não é nova nos Anais do Obscurantismo Salazarista. Lembramos num passado ainda recente, medidas desta ordem contra, entre outros, os escritores Castro Soromenho e Adolfo Casais Monteiro. Lembramos também, em passado ainda mais recente, já destes nossos dias, medida semelhante contra o escritor José Rodrigues Migueis. Nada disto portanto é nôvo. A única novidade é a extensão e as proporções que medidas deste gênero atingiram nos dias que estão correndo. Agora já não se trata de um ou outro escritor particularmente visado no momento. Trata-se de medida contra um número elevado de escritores, trata-se de medida quase geral, atingindo o que de melhor tem a Cultura Portuguesa do nosso tempo: a poetisa Sofia de Mello Breyner Andersen; poetas e romancistas, como Manuel da Fonseca, Natália Correia; romancistas, como Urbano Tavares Rodrigues, Augusto Abelaira, Fernanda Botelho; críticos literários, como Alexandre Pinheiro Torres; dramaturgos e críticos de teatro, como Luis Francisco Rebelo; críticos e historiadores da arte, como José Augusto França, Doutor pela Sorbonne, e Diplomado pela Escola de Altos Estudos da Universidade de Paris; ensaistas, como Mário Sacramento; pedagogos e jornalistas, como é o caso de Fausto Lopo de Carvalho; e mesmo advogados, como Francisco de Sousa Tavares.

A acrescentar a esta lista bem representativa da inteligência portuguesa dos nossos tempos, podemos lembrar entre outros, mais os consagrados escritores que são Alves Redol e Fernando Namora, cuja reedição de certas das suas obras acaba de ser proibida pela Censura.

Como dissémos, estas perseguições só apresentam, no fundo, a novidade de, desta vez, não atingirem apenas este ou aquele escritor, mas todo um grupo, pois não há pràticamente um escritor português que ao longo desta noite de quase 40 anos não tenha sido vítima dos furores obscurantistas do fascismo salazarista. De Ferreira de Castro a Alexandre Cabral, a José Cardoso Pires, do grande e saudoso Aquilino Ribeiro, a Miguel Torga, a José Gomes Ferreira, a Jorge Reis, a Carlos de Oliveira, nenhum teve o privilégio de escapar às garras do Santo Ofício dos nossos tempos. Aquilino Ribeiro, ex-candidato ao Prêmio Nobel de Literatura, esteve poucos anos antes da sua morte indiciado num processo por delito de opinião, em que a pena de prisão poderia ir até 8 anos!!... Candidato no momento ao Prêmio Nobel, com o apoio de grandes personalidades intelectuais estrangeiras, entre elas o Professor Marcel Bataillon, Diretor do Collège de France, Aquilino Ribeiro foi salvo, afinal, pela opinião pública nacional e internacional... Carlos de Oliveira, um dos maiores, senão o maior prosador português depois da morte de Aquilino Ribeiro, sentiu, logo no início da sua carreira de escritor, as garras do Santo Ofício dos nossos dias quando lhe foi apreendido o romance **Alcateia**

Como também já dissémos em artigos anteriores, estas perseguições atingem às Livrarias e às Casas Editôras. Como exemplo recente, e ligado à extinção da **Sociedade Portuguesa de Escritores**, chega-nos a notícia de que a apreensão de livros à editôra **Publicações Europa-América** atingiu o valor de 700 contos, o que dá em moeda brasileira a soma, nada desprezível, de mais de 50 milhões de cruzeiros...

Em outras épocas da nossa história a inteligência foi perseguida; parece-nos, no entanto, que em nenhuma com a sanha atual. mesmo se tivermos em conta os tempos do Santo Ofício. Mas apesar dos dias negros que temos passado e estamos passando, somos levados a uma atitude otimista em relação ao futuro, e futuro que julgamos bem próximo. E entre muitas outras razões temos o fato de que os escritores portugueses do nosso tempo conseguiram — apesar do Salazarismo, apesar da repressão brutal, apesar da política obscurantista, — ganhar a simpatia, a solidariedade, a admiração do Mundo, pelo valor, pelo nível da sua produção, e também por algo mais, e que no fundo está ligado, estreitamente ligado a este nível, a este valor da produção literária, e que é a sua grande e insofismável coragem civica.

Lutas Populares

OS ESTIVADORES E A PIDE — A numerosa e combativa classe dos estivadores vem lutando há muito por melhores salários e por condições de trabalho menos duras do que as atuais em que o regime a que vivem submetidos é de pura escravatura. Preocupada com os esforços desenvolvidos pelos estivadores no sentido de verem atendidas as suas justas reivindicações a PIDE recorreu agora a um meio de que tem lançado mão em inúmeras ocasiões infiltrou elementos seus na categoria profissional para que ajam no seio seu como provocadores. São já vários os bufos descobertos nessas manobras e consta que alguns foram espancados pelo pessoal.

ANVERSO E REVERSO DA NOVA FASE DA LUTA

J. Lopes Mendes

É muito frequente ouvir expressões como estas: Quando o rio sôa, água tráz; Gaivotas em terra, vendaval na costa — ou similares. Na linguagem popular isto exprime uma relação de causa e efeito. São símbolos, categorias lógicas de que o povo se vale para interpretar e definir sentimentos e coisas em movimento, ora, em relação com o meio telúrico ora em relação com a sociedade.

Os fenômenos objectivos produzem efeitos paralelos na super-estrutura da sociedade, reflexos que traduzem e revelam, como através dum espelho, as flutuações do processo histórico, imagens do grau de evolução das causas dinâmicas, dos antagonismos, dos choques, que umas vezes aparecem nítidamente desenhados, outras apenas com sintomas, fragmentos, lampejos. Por tal motivo é muito difícil decifrar, distinguir e interpretar estes signos da evolução e muitos tomam os signos por efeitos definitivos, tanto na sociedade como no mundo físico.

Para um aprendiz de cozinheiro, apressado e guloso, o fumo branco que vê sair da panela, num determinado instante, é suficiente para deduzir que a água está já fervendo, mas o certo é que segundos e mesmo minutos antes da água ferver o fumo indica, apenas indica, um elevado grau de calor — a aproximação da crise qualitativa que provocará a ebulição, a fervura. Pode dar-se também o caso de que a água nunca chegue a ferver, por causas imprevistas.

O inegável, entretanto, é que na sociedade os reflexos subjectivos são imagens naturais do movimento causal, que o povo intui e capta antes que ninguém — embora por vêzes se equivoque — a natureza e o sentido dêsses movimentos. Por isso devemos estar sempre muito atentos aos sentimentos do povo, às aspirações das massas, às ânsias colectivas, que nos ilustram e ensinam mais acêrca da verdade histórica que todos os textos e tratados de sociologia.

Em Portugal nunca se ouviu falar tanto de revolução e de luta armada como nestes últimos tempos. O tema está suscitando inclusive uma aguda polémica em vastos sectores da Oposição. A que se deve isso?

Pensar que a perturbação teórica que comove a Oposição portuguesa, pensar que êste bulício do rio tumultuoso da vida política nacional, é exclusivamente produto do acaso ou de factores estranhos, adventícios e fortuitos, **ex-abruptos** de revolucionários irrequietos e irreflexivos (que os há), pode conduzirnos a situações irremediáveis que, por outro lado, seriam a repetição do que tem acontecido em outros lugares não tão remotos nem tão distantes, nem no tempo nem na geografia.

A maior prova de que o tema da revolução e da via armada da luta contra a ditadura de Salazar são problemas candentes e sérios que nascem da vida, que correspondem a um sentir nacional e colectivo, e que, portanto, mereceu discutir-se com afinco, é a quase unanimidade que existe sôbre o assunto no seio dos mais diversos sectores da Oposição esclarecida, incluindo aquelas correntes conservadoras da burguesia radical que vislumbram e desejam uma solução legalista, pacífica, com medo da revolução.

Será que, porventura, existe já, de facto, uma situação revolucionária em Portugal?

Tudo indica que ainda não. Uma coisa é admitir e considerar que estamos atravessando e vivendo uma fase crítica da luta em Portugal e outra diferente afirmar que existem tôdas as premissas para iniciar a insurreição popular armada. Uma coisa é afirmar que o caminho da luta violenta está aberta e na ordem do dia e outra diferente **trilhar êsse caminho, e como e quando.**

Aqueles partidários da acção directa que proclamam em alta voz que se deve começar sem mais rodeios a insurreição armada **agora mesmo**, confundem, como o aprendiz de cozinheiro, os primeiros indícios com a realidade e podem provocar com a introdução prematura de elementos estranhos à revolução — o mesmo que meter hortaliças frias na panela que ainda não ferve — a interrupção do processo evolutivo, o esfriamento e o desvio dos agentes naturais que geram a crise revolucionária em perspectiva.

E o mais grave é que êsses revolucionários afastando-se do epicentro dos fenômenos e tomando por realidades meras tendências, desvirtuam a natureza intrínseca e autêntica dos reflexos, dos factos, dando-lhes uma interpretação defeituosa, forçada e contraditória.

Em rigor o que caracteriza a nova, a actual fase da luta em Portugal não é que se viva uma situação revolucionária **mas sim que se viva o momento da aproximação da crise revolucionária** por um lado, e por outro, o facto de que o fio conductor, o substrato, o centro de gravidade dessa nova situação (para empregar uma terminologia do agrado dos partidários da acção directa **a outrance**) é precisamente o auge inusitado das lutas de massas, o fortalecimento orgânico e unitário das forças anti-fascistas, conquistas, vitórias, reflexos subjectivos típicos que os ultra-esquerdistas menosprezam, tergiversam ou combatem.

Evidentemente, a partir de 1960-61 assiste-se em Portugal a um período de ascenso revolucionário das massas, e à politização crescente das lutas mais diversas. As grandes manifestações de rua galgaram já o marco estreito e compassado dos períodos eleitorais, atraindo ao combate milhares e milhares de novos combatentes cada dia. As greves operárias e dos camponeses do Sul do País, as deserções dos soldados, os actos de rebeldia nos quarteis e no próprio campo de batalha, as greves dos estudantes de Lisboa, Porto e Coimbra, as recentes batalhas académicas pelo direito associativo; as dezenas de milhares de mulheres nas ruas do Porto enfrentando o aparelho repressivo, a resistência e valentia dos intelectuais, são o índice inequívoco do amadurecimento das condições subjectivas que, aliados às condições objectivas existentes — crise interna do regime, guerra nas colónias, isolamento internacional do salazarismo — abrirão a curto prazo o caminho para o levantamento nacional armado.

As condições descritas e a admissão de que se aproxima a crise revolucionária obrigam-nos no entanto a tomar certas precauções e medidas: intensificar ainda mais, elevando-as a um nível superior, as lutas populares, reforçar ao máximo a unidade, estruturar e organizar os contingentes da resistência na escala nacional.

Mas isto não é tudo. A eventualidade do surgimento duma situação revolucionária em que o povo se levantará em armas contra a ditadura, exige muito mais: implica outros riscos, obrigações e tarefas — **a preparação dos meios adequados para o recurso da luta armada no mais amplo sentido da palavra, nos aspectos organizativo, táctico, técnico e psicológico,** em vistas de que a luta armada é um empreendimento muito sério e arriscado que dificilmente se improvisa, PRINCIPALMENTE tratando-se de derrubar pela fôrça um estado fascista apoiado por um exército moderno instruido nas "técnicas anti-subversivas", além doutras poderosas fôrças de repressão.

Os quadros, as armas, a técnica operativa ofensiva e defensiva, a experiência, a destreza, a faculdade de manobrar ante um inimigo de início mais poderoso e hábil, não se aprendem de um dia para outro nem brotarão expontâneamente, quando surgir a crise revolucionária, por obra e graça do Espírito Santo.

Mesmo que uma parte considerável do exército participe na luta, êste por si só não levará a insurreição até ao fim, e se o chegasse a fazer não seria certamente nos moldes que interessam ao povo português. Nas condições particulares do nosso País é indispensável que uma parte das fôrças armadas se incline para o lado do povo, mas condicionar os destinos da revolução, do levantamento nacional, à participação e actuação do exército, não nos parece correcto.

A hegemonia da revolução, a direcção do movimento insurrecional, a iniciativa, devem estar nas mãos das fôrças populares, da vanguarda revolucionária, o esta só poderá cumprir a sua missão revolucionária se estiver orgânica e tècnicamente preparada para tôdas as formas de luta, incluindo a luta armada.

Se uma derrota brusca nas colónias precipitasse a crise interna do salazarismo, criando um estado de comoção nacional, e o aparecimento repentino duma situação revolucionária, as fôrças oposicionistas portuguesas estariam preparadas para desencadear a luta armada em condições militares vantajosas? Cremos que não. Decididamente não estão preparadas.

Notas e comentarios

A arenga de Salazar

Salazar falou novamente a 12 de Abril. O motivo da arenga foi a Resolução do Conselho de Segurança relativa à questão rodesiana. O ermitão de Santa Comba reagiu à sua maneira à autorização do bloqueio aos embarques de petróleo para Salisbury. Sôbre o "affaire" rodesiano pròpriamente dito foi muito laconico: cabem em vinte linhas os imensos dislates que debitou a propósito da atitude do órgão executivo da ONU. Falou de incêndios, de terríveis labaredas, do apocalipse que entrevia num horizonte carregado de nuvens sombrias. Tudo se podia salvar, mas tudo se poderia perder com mais um passo em falso...

Em compensação, o resto da fala foi de uma prolixidade que surpreendeu até aquêles que já se conformaram com o estilo pesadamente didático do ditador. Salazar botou, uma vez mais, cátedra sôbre os problemas da África que emerge do pesadelo colonialista. As asneiras principiaram logo de início, quando, numa construção verbal caprichada, excluiu do seio do Islão os povos situados abaixo da orla mediterrânea. Não haverá no govêrno um ministro capaz de explicar a Salazar que há mais muçulmanos na África Negra do que nas cinco nações brancas com frente para o Mediterrâneo?

Essa manifestação de crassa ignorância é, aliás, apenas a primeira conta do longo rosário que desfia seràficamente. O que nos diz sôbre "colonialismo" e "neocolonialismo" é uma recapitulação das suas teses. Todos os não portugueses, brancos e prêtos, constituem, em África, o grupo dos maus. O reverso da medalha está nas "províncias ultramarinas" portuguêsas. Aí é o reino dos bons, a terra prometida, sôbre a qual descem as bençãos do Senhor. E' certo que uns quantos maus, vindos principalmente do Exterior, se esforçaram e esforçam para perturbar a felicidade idílica da grei. Em pura perda. Os bons vencem, barraram já o caminho aos fautores do ódio, da destruição e do caos. A bondade esmagou a ferocidade!

É óbvio que no maniqueismo salazarista, todos os patriotas angolanos, guineenses e moçambicanos não passam de encarnações satânicas das fôrças do mal.

No final, vem uma promessa: aceita visitar Angola. Põe apenas uma condição: só fará a viagem quando fôr "dominado ou expulso o último terrorista"...

OUÇA A RÁDIO PORTUGAL LIVRE
(hora de Portugal)
Diàriamente das 8 às 8,30, em 50 metros; das 20 às 20,30 e das 22,13 às 22,45 em 32 metros; e das 24,30 às 0,50 em 36,40 e 43 metros. Aos domingos das 13 **às 13,30 em 19,20 25 e 26** metros.
UMA EMISSORA A SERVIÇO DO POVO PORTUGUÊS

O problema da deserção

Apesar do cuidado que o govêrno de Salazar tem em esconder tudo o que se passa nos quartéis de Portugal e nas frentes de combate africanas, o País inteiro sabe que as deserções, coletivas e individuais, assumiram ùltimamente proporções que trazem alarmado o estado maior fascista.

Num quartel da Guarda desapareceram, de um dia para outro, quarenta soldados. Em Lisboa estão prêsos 400 militares que se recusaram a embarcar para África e no Pôrto, pelo mesmo motivo, duzentos. Em várias prisões militares do Continente e das colonias ascendem a centenas os soldados detidos por idêntica razão. Sabe-se, por outro lado, por circulares enviadas às fôrças repressivas da GNR, da PSP e da PIDE, que a média de deserções raramente é inferior a uma centena por mês, havendo tendência para um aumento do número de oficiais e sargentos entre os que abandonam as suas unidades. E, como se isso não bastasse para estabelecer o pânico entre os generais fascistas, é também cada vez mais elevado o número de jovens que saiem do país clandestinamente para não se apresentarem à inspeção e serem incorporados nas fileiras. Só no mês de Outubro, mais de 30 estudantes, que deviam participar de um curso para oficiais milicianos, não compareceram à convocação, sendo dados como desaparecidos...

Outro motivo de preocupação para as autoridades fascistas é o fato de as próprias fôrças repressivas — sustentáculo do regime — apresentarem indícios de um descontentamento que se traduz por numerosas deserções e uma vaga de pedidos de demissão. Assim, os quadros da GNR, da Guarda Fiscal e da PSP exibem falhas cada vez maiores, não escondendo as praças que "com soldos de miséria" não vale a pena vestir fardas que a população odeia.

É sabido que as fôrças democráticas que combatem o fascismo não se opõem à deserção daquêles que não querem participar das guerras coloniais. Bem pelo contrário, são as primeiras a preconizá-la e aplaudí-la. Mas não de qualquer modo, ao sabor dos impulsos individuais de cada um. O problema é complexo e, devido à pequena expansão e às dificuldades de circulação da imprensa democrática, não poucos patriotas têm dúvidas a respeito da posição correta a assumir em face de tão grave questão. Convém pois que insistamos uma vez mais no assunto.

Criação de uma organização militar

A deserção individual é o reflexo de um estado de espírito de revolta contra o fascismo, mas revela também a desorientação dos que a praticam. É tão inútil, e em certos casos negativa, quanto proveitosa a deserção coletiva. Não há, por exemplo, vantagem alguma em que um jovem universitário deserte antes de assentar praça ou fuja para o estrangeiro antes mesmo da ida à inspeção. Precisamente porque o seu nível de instrução é mais elevado, maior deve ser também a sua compreensão dos problemas postos pela luta contra o regime que tanto lhe repugna. Não tem o direito de pensar que é aos outros que cabe a tarefa de fazer a Revolução. Êle é também uma peça no processo que há de conduzir ao derrubamento do fascismo. E uma peça que pode desempenhar um papel importante. Dissipadas tôdas as ilusões legalistas, nenhuma dúvida resta de que a solução do problema português só poderá ser obtida por meios violentos. O caminho da Revolução Democrática e Nacional passa pelo levantamento nacional. Pergunta-se então: como pode um jovem universitário estar de acôrdo com os objetivos da Revolução se foge, inclusive, a aprender o manejo das armas?

Mais do que nunca, o trabalho da criação de uma forte organização militar democrática no seio das Fôrças Armadas apresenta-se como tarefa de primordial importância. Vamos, mesmo mais longe: a criação de organizações unitárias dos militares que se opõem ao regime é uma das tarefas mais importantes da hora atual. Òbviamente, o primeiro passo a dar para que isso seja possível é o esforço de mobilização dos militares em torno dos seus problemas concretos, orientando-os para o desencadeamento das mais variadas ações e lutas contra a guerra nas colonias, contra a intromissão de oficiais estrangeiros no exercito português, contra a instalação de bases estrangeiras em território nacional, contra a politica de traição e entreguismo do fascismo, contra o terrorismo politico e a repressão, contra a ausência de liberdades democráticas, etc.

A esquadra anti - atomica de Salazar

A imprensa fascista de Lisboa acaba de cantar em todos os tons o lançamento em Nantes do primeiro navio de guerra antiatômico encomendando pelo govêrno fascista de Lisboa em França. Trata-se da primeira de uma série de quatro unidades que devem ser entregues até 1968 e que estão sendo construídas por três emprêsas diferentes.

Para assistir à cerimonia do lançamento deslocou-se àquele porto francês uma luzida embaixada especial de que faziam parte os ministros da Defesa e da Marinha e o subsecretário do Tesouro. De qualquer modo, para além do ridículo das afirmações dos representantes de Salazar que, estúpida e provincianamente, discursaram a torto e a direito, agradecendo inclusive aos operários franceses — boquiabertos de espanto - a sua colaboração para o reerguimento da frota de guerra portuguêsa, o episódio tem um significado que não pode passar despercebido. A presença do ministro da Defesa, Pierre Messmer, não pode, é claro, ser interpretada como o fizeram os áulicos do ditador português como manifestação de interêsse pelos planos navais de Salazar. Mas ela vem, sem dúvida, confirmar uma vez mais o que há de ingênuo na atitude de certos democratas portuguêses que, impressionados por algumas atitudes de independência do general de Gaulle e pela linha geral da sua politica externa, se apressam a encará-lo como um possível futuro aliado na luta contra o regime fascista de Lisboa. Doces ilusões essas! O lançamento à água do "Comandante João Belo" vale por um desmentido oportunamente atirado à cara dos que alimentam tais idéias.

O ministro Pierre Messmer sabe perfeitamente a que fim se destinam os barcos encomendados por Salazar. E se o ignorasse os representantes do ditador encarregaram-se de o proclamar bem alto na própria cidade de Nantes. Trata-se de navios especialmente destinados a atuar em climas quentes, concebidos nos seus mínimos pormenores para serem utilizados nas guerras coloniais em que Salazar envolve os povos de Portugal, de Angola, de Moçambique e da Guiné. Dispõem de alojamentos para uma força de desembarque e de um dispositivo para aterragem de helicópteros no tombadilho. O que menos interessa aos almirantes de Salazar são, òbviamente, os mecanismos que levam o casco em andamento, arrastando as poeiras radioativas... Essas engrenagens servem apenas para propaganda, para atirar poeira nos olhos dos ingênuos. O fato que importa salientar é que a nova" esquadra antiatômica" de Salazar se destina à guerra colonial. E de Gaulle sabe disso. O general, por mais espetaculosos que sejam alguns dos seus gestos, é o presidente de uma grande nação capitalista. Vender navios de guerra é para a França um negócio como outro qualquer. Mesmo que o comprador seja Salazar e Paris tenha a certeza antecipada de que esses navios serão transformados em instrumentos de uma politica colonialista de genocidio. Negócios são negócios, para a França capitalista...

Um orçamento de guerra

Portugal é, proporcionalmente, o País que mais elevadas verbas do seu orçamento dedica às despesas de caráter militar. Em 1966 o fato repetiu-se mais uma vez. Na linguagem eufemística da Lei de Meios, essa revelação é feita ao País da seguinte maneira: "durante o ano de 1966 continuará a ser dada prioridade aos encargos com a defesa da Nação". Significa isso em bom português que os gastos militares, oficialmente declarados no Orçamento, registram um aumento de perto de meio milhão de contos em relação a 1965. Isso, apesar de o saldo deste, no valor de 1.792.200 contos se destinar quase totalmente às despesas da guerra em África.

No conjunto, as despesas extraordinárias (leia-se guerra colonial) os compromissos com a NATO e as verbas para o aparêlho de repressão metropolitano passaram de 3.654.000 contos em 1961 (ano do início da insurreição angolana) para 6.383.800 contos em 1966.

Enquanto o povo português paga tudo isso, quem prospera em ritmo vertiginoso são os grandes bancos. No primeiro semestre de 1965 o montante dos capitais das sociedades constituídas atingiu 1.078.500 contos ou seja um aumento de 40% em relação ao ano anterior. A expansão do credito bancário processou-se à taxa de 4,8% durante os primeiros seis meses. É de assinalar ainda que o capital bancário concorreu com cêrca de 62% para a elevação dos meios de pagamento.

Continuamos assim perante uma politica financeira ao serviço do capital financeiro e da guerra colonial, apadrinhada pelos grandes monopólios internacionais.

O dia do Estudante Português Comemorado em todo o Mundo

O Dia do Estudante proibido em 24 de Março de 1963, pelo govêrno fascista de Salazar foi um gesto magnífico da União Internacional dos Estudantes, transformado numa Jornada Internacional de Solidariedade aos Estudantes Portugueses. Já o ano passado as comemorações da data assumiram um significado todo particular em numerosos países. Maior foi, entretanto ,a sua projeção êste ano. Foi deveras notável o somatório das acções de ajuda e simpatia da opinião publica internacional para com a luta travada pelos estudantes portugueses no "paraiso salazarista".

Em comunicado alusivo ao acontecimento, o Movimento Democrático da Juventude Portuguesa definiu assim a sua posição:

"O Dia 24 de Março, na sua nascença tem a coragem de jovens que querem uma Universidade livre das peias que a acorrentam.

Os estudantes de Portugal querem uma Universidade em que haja o direito de livre associação e reunião. Em que elas possam escolher e eleger as direções das suas Associações Acadêmicas, assim como auto-gerir os seus organismos existentes e publicar livremente a sua imprensa.

Querem uma Universidade em que professôres e estudantes não sejam expulsos, prêsos e torturados selvàticamente, por não concordarem com o fascismo de Salazar.

Querem uma Universidade em que haja um amplo ingresso dos filhos das massas trabalhadoras e uma democratização do ensino ministrado.

Querem uma Universidade em que tenham lugar os jovens que o colonialismo salazarista obriga a fazer uma guerra que lhes repugna. Êsses jovens que todos os dias e por tôdas as maneiras manifestam o seu apoio e solidariedade aos seus irmãos dos movimentos de libertação nacional, que também lutam pela independência de seu país.

A repressão do govêrno salazarista é atroz. Desde 1962 cêrca de 300 estudantes foram expulsos das universidades. Os melhores professôres são obrigados a fugir de Portugal. As Associações Acadêmicas são fechadas pelo govêrno, estudantes são prêsos às centenas ou aos milhares. São torturados até à loucura, outros tentam suicidar-se para não trairem os seus colegas. Mesmo crianças e adolescentes não escapam a esta bárbara perseguição.

Que a opinião internacional, através do apoio e solidariedade prestados à luta dos estudantes portugueses e do povo português em geral, faça conhecer às autoridades fascistas portuguesas todo o desprezo e isolamento a que elas estão votadas."

Um comicio em Praga

A União da Juventude Tchecoeslovaca, para que a solidariedade aos estudantes portugueses ficasse devidamente assinalada, promoveu um grande ato público na Faculdade de Medicina de Praga, na véspera do Dia do Estudante de Portugal.

A iniciativa, que contou com o patrocínio da União Internacional dos Estudantes e das organizações das juventudes africanas das colonias portuguesas, foi precedida de uma campanha na imprensa, na radio e na televisão, durante a qual a situação existente no Portugal fascista de Salazar foi analisada sob todos os seus aspectos, com destaque para o problema da repressão estudantil. Foram também distribuidos milhares de cartazes e postais comemorativos do acontecimento.

Durante o comício, a que assistiram no vasto salão, usaram sucessivamente da palavra: um dirigente da Associação Estudantil da Faculdade de Medicina de Praga; um representante das Juventudes Tchecoeslovacas; um dirigente da União Internacional dos Estudantes; um estudante da Guiné, em nome dos seus colegas das colonias africanas de Portugal; e, finalmente um estudante portugues.

Declaração Aprovada

No final, o plenário aprovou por aclamação a seguinte declaração, de apoio e solidariedade aos estudantes e ao povo português:

"Nós, participantes no Comício organizado pelos estudantes da cidade de Praga na oportunidade do 24 de Março, Dia Internacional de Solidariedade aos Estudantes Portugueses, exprimimos o nosso apoio e a nossa solidariedade à sua justa luta contra a violação dos direitos fundamentais e da liberdade pelo regime governamental de Portugal;

Exigimos o fim da suja guerra colonial que êste regime mantém em Angola, Moçambique e na Guiné dita portuguesa; e exigimos a independência para tôdas as colonias portuguesas;

Pedimos que acabem as perseguições aos estudantes progressistas, os controles policiais nas Universidades e Escolas Superiores portuguesas e pedimos a libertação imediata de todos os estudantes e patriotas portugueses encarcerados.

Nós estamos convencidos que a causa justa do povo português vencerá!"

Fala um Estudante Português

Publicamos abaixo alguns trechos da intervenção no comício do estudante português que ali falou em nome do Movimento Democrático da Juventude Portuguesa:

Os estudantes portugueses têm tradições de luta pela Democracia.

Depois de 1820 os estudantes combateram na luta pelas suas liberdades políticas em batalhões estritamente de estudantes; as greves estudantis de 1907 fizeram tremer a monarquia que caía 3 anos mais tarde.

Antes do golpe de Estado fascista o govêrno tentou esmagar as associações de estudantes e mais tarde aumentar o preço das matrículas para tornar a Universidade uma Universidade ainda mais de classes ricas.

O governo procura organizar os estudantes nos quadros da "Mocidade Portuguesa", organização também militar parecida com a "Juventude Hitleriana", tendo por principal fim estatutário o combate as ideias socialistas e a defesa das idéias fascistas. Mas jamais êles conquistaram os estudantes.

Tôda a História do movimento estudantil nestes ultimos 40 anos é a história da luta das organizações democráticas contra o esforço do fascismo para as esmagar.

Para nos apoiarmos nas massas, nas associações nós temos feito um possante trabalho de base, social, cultural e pedagógico, daí a identificação quáse total, no nosso País, entre a vida estudantil ,e a vida das associações Como exemplo, eu direi que em Coimbra, cidade estudantil com uma população de 9 mil estudantes, 3.000 votaram na lista democrática, no ano de 61-62.

Tendo por fim destruir o elan do movimento cada vez mais possante, os fascistas publicaram uma lei, em 1957, que proibia os contatos entre as associações; que retirava ás associações todo o trabalho pedagógico e social e nomeava professôres fascistas para controlar o trabalho dos estudantes.

A reação dos estudantes foi unânime e possante.

Em Lisboa, estas reações terminaram com uma manifestação de 3.000 estudantes na Assembléia Nacional.

Pela primeira vez, na história do fascismo, uma lei cai pela ação de luta das massas.

O movimento dos estudantes torna-se ainda mais forte e as suas reivindicações de total liberdade de associação, de reforma de ensino, de uma Universidade tendo por fim resolver os principais problemas nacionais, tais como econômicos, luta contra o analfabetismo ,etc., torna-se motivo de luta constante para os estudantes.

Mas, em 62, o govêrno tenta uma nova prova de fôrça. Proibe, de uma maneira brutal, sem aviso prévio, o tradicional Dia do Estudante.

No dia 24 de Março, de manhã, a Cidade Universitária de Lisboa é ocupada por centenas de polícias, armados de espingardas e de metralhadoras.

Esses políciais tentam prender os estudantes que estão em algumas associações e proibem, pela violência, a realização do Dia do Estudante.

Milhares de estudantes protestam diante da Secretaria da Universidade contra esta brutalidade.

Durante o 24 de Março, os choques com a polícia são violentos e mais de 20 estudantes são hospitalizados.

Depois do 24 de Março, os estudantes reivindicam a libertação dos colegas prêsos, a realização, do Dia do Estudante, a liberdade de associação, e durante 3 meses, tôda a Universidade, particularmente em Lisboa, mas também em Coimbra e Pôrto, se manteve em luta, com grandiosas greves, comícios e manifestações.

Em Lisboa, a greve prolonga-se durante 3 meses ,aproximadamente, com mais de 95% de participação.

Em Lisboa, também, com uma população estudantil de 10.000 estudantes, aproximadamente, mais de uma dezena de comícios são realizados com 5 mil, 6 mil e 7 mil estudantes.

Fêz-se a greve da fome.

O 24 de Março abre uma nova época na luta dos estudantes portugueses. Depois do 24 de Março, a luta dos estudantes torna-se quáse ininterrupta com as greves de 64, com as greves e manifestações de 65.

Mas também depois do 24 de Março, aumenta a denuncia pelos estudantes ao povo português e em face ao mundo, do caracter brutal do fascismo português.

A PIDE tortura os jovens de 15 anos e as moças.

Em face da violencia das torturas, em 65, dois estudantes endoidecem e um outro tenta suicidar-se.

Há um mês, um estudante entra num hospital psiquiátrico depois das torturas brutais de que foi vitima, e Antonieta, estudante de direito, de 20 anos, enguliu vidros partidos, tentando suicidar-se. Recentemente ainda leu-se na imprensa da Europa que entre os jovens democrátas angolanos, prêsos em Portugal, a estudante Vitória de Sousa foi transferida para um hospital psiquiátrico de Lisboa, vítima de graves perturbações psiquicas.

Com o reitor Sarmento as coisas não melhoraram nada na Universidade de Lisboa. O sucessor de Paulo Cunha é uma figura feudal e grotesca...

Termino dando-vos conhecimento que durante o Encontro dos Estudantes portugueses no estrangeiro, realizado na Belgica, condenamos a política fascista, a guerra colonial e elegemos JOSÉ BERNARDINO, antigo presidente da direção universitária de Lisboa, presidente honorário do secretariado de coordenação.

José Bernardino, com muitos outros estudantes, tais como Carlos Aboim Inglês, Jorge Araujo, Marum, etc., estão condenados a prisão perpétua. Nós, escolhemo-lo para uma campanha internacional de anistia. Dirigente estudantil excepcional êle continuou a sua luta na clandestinidade por que se recusou a combater em Angola, como muitos outros estudantes e uma grande parte da juventude portuguesa. Nós escolhemo-lo pelo seu prestígio e por que depois de seu trabalho legal e clandestino êle foi martirizado na polícia e condenado a prisão perpétua. Josê Bernardino tornou-se um símbolo de nossa luta. O vosso apoio pode ajudar-nos na sua libertação."

O apoio dos Estudantes Italianos

O plenário do XI Congresso da UNURI, a União Nacional Representativa Italiana, entidade que agrupa os 350.000 universitários da Itália, deu também amplo relevo à celebração da jornada do 24 de Março.

O próprio presidente da UNURI, Nuccio Fava, foi o porta-voz da solidariedade dos estudantes italianos à luta dos seus colegas portugueses pela democracia e pela liberdade. Tôda a assembleia, de pé, aplaudiu prolongadamente as palavras do orador. Aos congressistas foram distribuidos documentos sôbre a situação na Universidade Portuguesa e sôbre a luta dos estudantes.

Por intermédio da Associação do Instituto Superior Técnico, o conclave endereçou aos estudantes portugueses um telegrama de solidariedade. Simultaneamente foram expedidos telegramas ao "presidente" da Republica, protestando, um, contra a repressão estudantil e exigindo, o outro a imediata libertação de JOSÉ BERNARDINO.

Mensagens enviadas á U.E.P.F.

Em França tiveram também particular repercussão as manifestações do Dia 24 de Março, tendo a União dos Estudantes Portuguêses de França recebido dezenas de mensagens de solidariedade enviadas por organizações estudantis de todos os Continentes. Entre elas contaram-se as da União Nacional dos Estudantes de França, da União Nacional dos Estudantes dos Estados Unidos, do Conselho dos Estudantes da URSS, da União dos Estudantes Finlandeses, da União dos Estudantes do Canadá, da União Nacional dos Estudantes do Luxemburgo e da Federação Nacional dos Estudantes da China.

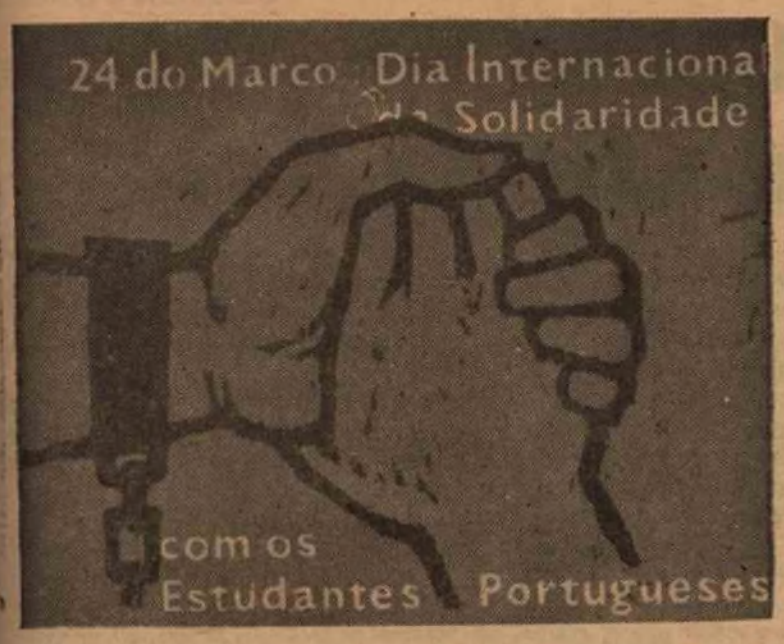
MOÇÃO DOS ESTUDANTES PORTUGUÊSES DA FRANÇA

No próprio dia 24 de Março, a UEPF, em assembléia magna aprovou por aclamação a moção que abaixo reproduzimos e da qual foram enviadas cópias às associações de estudantes de Portugal:

"Estudantes portuguêses, sócios da União dos Estudantes Portuguêses em França, reunidos em Paris, por ocasião do 24 de Março — Dia Internacional de Solidariedade aos Estudantes Portuguêses,

Considerando o agravamento da repressão em Portugal contra os estudantes e o povo português em geral;

Manifestam o seu incondicional apôio à corajosa luta dos estudantes portuguêses que no País afrontam a política de obscurantismo, opressão e miséria a que os submete o regime fascista de Salazar,



Apoiam firmemente as reivindicações do Movimento Associativo Português, nomeadamente:

1 — Autonomia da Universidade
2 — Universidade aberta e virada para a Nação
3 — Participação dos Estudantes na Gestão da Universidade
4 — Reforma e Democratização do Ensino
5 — Liberdade de Associação, de reunião e de informação
6 — Libertação dos estudantes atualmente presos
7 — Reintegração dos estudantes e professôres expulsos.

Enviam um abraço fraternal às Associações de Estudantes e a todos os estudantes que neste mesmo momento lutam em Portugal."

Paralelamente, a UEPF deliberou enviar ao ministro da Educação Nacional de Salazar o seguinte telegrama:

"Estudantes portuguêses de Paris ocasião Dia Internacional de Solidariedade com a luta dos Estudantes Portuguêses, condenam repressão governamental contra estudantes e povo português; exigem libertação estudantes presos e reintegração estudantes expulsos; exigem respeito autonomia Associações Estudantes.

Telegrama semelhante foi enviado exigindo a libertação dos estudantes das colônias julgados a 29 de março.

MANIFESTA-SE O SEMINARIO DE OSTENDE

Os participantes do Seminário pela Democratização do Ensino, que se realizou em Ostende, na Bélgica, enviaram ao ministro da Educação de Salazar o telegrama que a seguir reproduzimos:

"Nós, representantes das Uniões Nacionais e das organizações internacionais de ensino: Condenamos a repressão do vosso govêrno contra estudantes e povo português; apoiamos luta dos estudantes portuguêses pela democratização do ensino; exigimos respeito da autonomia associações estudantes; exigimos libertação estudantes presos e reintegração estudantes e professôres expulsos."

Assinaram o telegrama os representantes da União Internacional dos Estudantes e das Uniões Nacionais de Estudantes dos seguintes paises: Reino Unido. Bulgária, Holanda, França, Hungria Polonia, Chipre, Iugoslávia, Suíça, Irlanda, Tchescolováquia, Bélgica, Alemanha Federal, Espanha, URSS. Finlandia, Suécia e Luxemburgo.

Os participantes do Seminário endereçaram também o seguinte telegrama às Associações de Estudantes de Portugal, por intermédio da AEIST:

"Nós, representantes das Uniões Nacionais e organizações internacionais de estudantes reunidos no Seminário pela Democratização do Ensino manifestamos incondicional apôio corajosa luta estudantes portuguêses que em Portugal se opõem política obscurantismo opressão miséria do regime fascista Salazar. Apoiamos as reivindicações movimento associativo português e concretamente: autonomia universidade; universidade aberta para a Nação; participação estudantes gestão universitária; reforma democratização ensino; liberdade associação reunião informação; liberdade estudantes atualmente presos; e reintegração estudantes professôres expulsos."

DIA DA MULHER

Por intermédio do jornal "Semana Portuguêsa", a União das Mulheres Portuguêsas do Uruguai, endereçou, na passagem do Dia Internacional da Mulher, uma mensagem de saudação a tôdas as patriotas portuguêsas que "sofrem a repressão de um govêrno que se impõe há 39 anos pela fôrça".

Transcrevemos, a seguir, a parte final desse documento:

"Recordamos de modo muito especial as nossas compatriotas que por amor ao nosso Povo estão nas prisões salazaristas ou atuam na clandestinidade. Para Elas vai o nosso decidido apôio, manifestado por uma contínua ação de denúncia e das conquistas de solidariedade, no campo internacional!

No mundo de hoje os povos acercam-se cada vez mais, a sua simpatia recíproca é cada vez maior assim como a sua amizade, havendo uma grande preocupação por ajudar aqueles povos que lutam com valentia, pela sua Liberdade. As Mulheres Portuguêsas têm ocupado um lugar de destaque na luta pela Democracia em Portugal, com dignidade o papel e a responsabilidade da mulher no mundo moderno. Por tal motivo, é com enorme respeito que são consideradas entre as pioneiras da paz. Com um grande orgulho pela magnífica atitude das suas valentes compatriotas, a "União de Mulheres Portuguêsas" do Uruguai, afirma uma vez mais a sua posição anti-salazarista, comprometendo-se publicamente, a manter o seu pôsto de luta na Frente Externa da Oposição, com um programa concreto para 1966:

— Terminar com as "Medidas de segurança" em Portugal e abrir as portas das prisões salazaristas a todos presos políticos.

Unindo os nossos esforços a tôdas as Mulheres do Mundo Inteiro, a Paz e a Felicidade serão conquistadas para todos os Povos do Universo!

VIVA O DIA INTERNACIONAL DA MULHER!"

RADIO VOZ DA LIBERDADE

Ouça a emissora da Frente Patriotica de Libertação Nacional às quartas e sábados, a partir das 0,15 (hora de Portugal) em ondas curtas de 25 31 e 49 metros e médias de 230 e 320 metros.

UMA EMISSORA A SERVIÇO DO POVO PORTUGUÊS

Colonialismo e Anti-colonialismo

Moçambique

"...Os portugueses e seus aliados (leia-se: o govêrno português e as potências imperialistas) continuam a dizer que a revolução é feita por ",terroristas vindos do exterior". É verdade que há terroristas em Moçambique e que êsses terroristas vêm do exterior. De fato, êles vêm duma região muito distante (Portugal) com o único objetivo de explorar as riquezas da nossa terra. Para conseguirem tal objetivo, oprimem o nosso povo ,aterrorizam-no, matam e torturam homens, mulheres e crianças indiscriminadamente.

"Sôbre terrorismo, há uma diferença fundamental entre a atitude dos militantes da FRELIMO e a dos soldados portugueses. Os nossos militantes matam porque são forçados a matar, porque os portugueses não nos deixaram outra alternativa para alcançarmos a nossa independência. Mesmo assim ,os militantes da Frelimo só atacam soldados e civis que estejam armados; e não se verificou um único caso de um português — civil ou militar — que tivesse sido torturado por elementos nossos. Ao contrário ,os portugueses agem bàrbaramente, como verdadeiros criminosos usando as mais brutais formas de tortura. Jovens soldados portugueses de não mais de 20 anos, tradicionalmente cristãos, que vieram a Moçambique para "defender o que resta da civilização cristã na África", narram aos seus colegas, com grande naturalidade, terem violado moças africanas com a baioneta, cortado as orelhas dos prisioneiros, exibindo-as como troféus, cegado prisioneiros com o lume dos cigarros,

"Isto aconteceu na Argélia, na última fase da luta contra os colonialistas francêses, repete-se agora com os americanos no Vietnam e está-se verificando também em Moçambique.

"Há uma relação direta entre o incremento do terrorismo colonialista e o êxito da nossa luta de libertação. Hoje, os soldados portugueses em Moçambique sabem que a sua derrota é inevitável; sabem que lutam por uma causa perdida. Sabem que muitos deles jamais voltarão ao seu país porque cairão sob as balas dos patriotas moçambicanos. E vingam-se contra aqueles que podem apanhar, torturando o povo que consideram "responsável" pela situação em que se acham: o povo que luta para se libertar." (*Do editorial de "Mozambican Revolution" n-o* 23)

Guiné

Fracasso colonialista

As forças colonialistas intentaram mais uma operação de envergadura no norte da colônia que culminou com um fracasso estrondoso como tem acontecido com outras tentativas semelhantes. Tratava-se, desta vez, de destruir a organização militar e social posta de pé naquela região pelos nacionalistas: escolas frequentadas por mais de quatro mil alunos, dispensários, etc., além da base central de operações militares na região. Com êsse objetivo, as forças que guarnecem diversos postos isolados, principalmente de Olossato, Mansaba e Mansôa, convergiram para a zona visada, encontrando pela frente, todavia, tenaz resistência oposta pelos guerrilheiros nacionalistas logo socorridos por unidades do exército regular guineense. Ao longo dum combate que durou seis horas, as forças colonialistas caíram em sucessivas emboscadas até o momento em que o seu avanço foi completamente barrado pelos contingentes nacionalistas, tendo êstes passado à contra-ofensiva. Face à iminência dum desastre de grandes proporções, as tropas colonialistas retiraram precipitadamente para os seus campos fortificados, após sofrerem pesadas perdas em vidas humanas e material. Nada tendo conseguido com essa operação terrestre, os comandos ordenaram então um bombardeamento aéreo intensivo das posições nacionalistas, lançando durante 3 horas vagas sucessivas de aviões sôbre a zona dominada pelos nacionalistas, causando diversas baixas no pessoal dos serviços de saúde. Entretanto foi abatido um dos aviões, e dois outros danificados, pelo fogo das armas anti-aéreas. As perdas do lado português foram avaliadas em treze mortos e grande número de feridos.

Outros combates

Na região sul as coisas não correm melhor para as tropas colonialistas. Um dos últimos comunicados dados a público pelo secretariado geral do PAIGC refere as seguintes operações que refletem bem o nível em que se desenvolve atualmente a luta pela independência:

— Quando dois contingentes colonialistas, procedentes de Bedanda e de Catió, se preparavam para atacar uma base nacionalista, um dêles foi atacado por atiradores do PAIGC e envolvido numa manobra que o fêz progredir em direção ao outro, sendo por êste tomado como um destacamento nacionalista. Os dois contingentes bateram-se entre si por mais de uma hora. Tendo finalmente reconhecido o êrro, sofreram forte ataque dos elementos nacionalistas, vendo-se forçados a retirar com vários feridos e 4 mortos. Deixaram no local mais quatro mortos, diverso material e víveres.

— Num ataque com bazookas e armas automáticas a um contingente estacionado em Medjo, na estrada de Bedanda, os patriotas mataram 4 soldados portuguêses e destruiram parte das instalações ocupadas pela tropa.

— Num ataque ao pôsto militar de Cumbidjá, realizado de madrugada, um grupo de guerrilheiros destruiu 50% das instalações. As baixas causadas em homens não puderam ser precisadas ,sendo contudo classificadas como pesadas.

— Outro destacamento atacado por elementos do exército regular guineense perto de Botche-Sansa, sofreu baixas estimadas em 7 mortos e vários feridos.

— Na mesma zona, em Botche-Djate, um grupo de reforços caíu numa emboscada e foi batido em combate, apesar de apoiado por 5 aviões, retirando para Bedanda depois de perder doze homens e vário material. Na retirada ,levaram consigo grande número de feridos.

— Nas regiões do Gabu (leste), na estrada de Buruntuma, foram destruidas por minas três viaturas militares carregadas de tropas e mercadorias. Num recontro perto de Cabuca, perderam a vida nove soldados portugueses.

Em tôdas as zonas de operações a ação das forças nacionalistas foi particularmente intensa no mês de março. Enquanto isso, há cada vez mais evidentes sinais de desmoralização e descrença entre as tropas colonialistas, confirmando o testemunho dado pelos vários militares que desertaram sôbre o estado de espírito que reina no seio do exército português.

Dias Coelho Traduzido em Checo

O livro "Resistência em Portugal" — da autoria do patriota José Dias Coelho, assassinado pela PIDE —, editado em português em São Paulo, no ano de 1962, acaba de ser traduzido para o tcheco pelo prof. Zdenek Hampl. O lançamento da obra, ilustrada com desenhos e fotografias, serviu de pretexto para manifestações de solidariedade à luta do povo português. A editôra, Vydalo Politicke Leteratury, para que o acontecimento chamasse mais a atenção da opinião pública da capital, expôs numa vitrina, ao lado dos exemplares da versão tcheca do livro de José Dias Coelho, numerosas fotografias de patriotas — presos e mortos — e de manifestações antisalazaristas e exemplares da imprensa clandestina.

Os Portugueses do Canadá e a Morte de Humberto Delgado

A exemplo do que fizeram os democratas portuguêses do Brasil, os do Canadá, por intermédio da "Portuguese Canadian Democratic Association", com sede em Toronto dirigiram-se ao juiz espanhol José Maria Crespo Marquez encarregado da instrução do processo sôbre a morte do general Delgado, instalando-o a levar as investigações em curso até ao fim de modo a que os culpados pelo objeto crime sejam devidamente punidos. O documento, datado de 6 de Abril é do seguinte teor:

"Exmo. Senhor:

Os milhares de democratas portuguêses residentes no Canadá de que Portuguêse Canadian Democratic Association é o mais expressivo porta-voz têm amiudadas vêzes citado o nome de V. Ex. como a única individualidade responsável capaz de trazer a luz da publicidade todos os elementos que envolveram o assassinio do General Humberto Delgado e de sua secretária Arajarir Canto Campos, cidadã brasileira, e de todos aquêles que direta ou indiretamente tem responsabilidade na sua monstruosa morte. Dêste modo, Portuguese Canadian Democratic Association manifesta a V. Ex. o desejo de milhares de Portugueses democratas residentes no Canadá de que:

1) O prosseguimento das investigações dirigidas por V. Ex. constitue a melhor esperança de que a verdade sôbre o assassinio do ex-candidato a presidência da república portuguêsa será conhecida, em breve, de todo o mundo;
2) V. Ex. não ceda a qualquer pressão de caráter político que de qualquer forma, pudesse empanar a lisura das investigações e consequentemente falsear a Justiça e o direito que lhe assiste de julgar com independência;
3) Como Portuguese Canadian Democratic Association não duvida de que o General Humberto Delgado foi mais uma vítima da fôrça repressiva do regime político português, apela para que V. Ex. exija das autoridades portuguêsas tôdas as facilidades necessárias ao cumprimento integral das suas funções. Assim, impõe-se que os culpados sejam severamente punidos para que a Justiça Espanhola mereça do mundo livre o respeito devido. E V. Ex. terá insofismàvelmente direito ao maior reconhecimento do POVO PORTUGUÊS".

Pela amnistia e contra a repressão

UMA CARTA A SOFIA FERREIRA

A Federação Democrática Internacional das Mulheres, por intermédio da sua secretária geral, Rosa Jasovitch Pantaleon endereçou a SOFIA FERREIRA a carta aberta que abaixo reproduzimos:

"Querida amiga Sofia Ferreira:

Através do Movimento Democrático de Mulheres Portuguesas, conhecemos a vossa comovente história, que é parte da história dolorosa do vosso povo, vítima de tôdas as formas de exploração e submetido a uma cruel repressão fascista. Sabemos que arriscastes a vossa vida e a vossa liberdade participando das lutas dos trabalhadores do campo e da cidade, pelo direito à terra e aos seus frutos e por melhores condições de vida; das lutas populares contra o fascismo e pelas liberdades democráticas. E a vossa valiosas contribuição a essas lutas se soma, hoje, também, ao patrimônio das atividades do movimento feminino, em defesa dos direitos da mulher, da felicidade da infância, do respeito aos direitos humanos, da libertação dos povos e da Paz mundial.

Assim é que a Federação Democrática Internacional das Mulheres, em nome de milhões de mulheres do mundo inteiro, se associa de todo o coração, à campanha pela vossa libertação, para que cessem as injustas "medidas de segurança", que atentam contra todos os direitos jurídicos e humanos. E estamos certas de que essa campanha será vitoriosa, e de que começareis, num futuro próximo, a participação na construção de uma nova vida para tôdas as famílias de vosso país, que não estarão mais separadas pelos muros das prisões — uma nova vida num mundo sem fascismo e sem guerra.

Contai com a nossa amizade e a nossa solidariedade em favor de vossa libertação, em favor da libertação de tôdas as prisioneiras políticas da Fortaleza da Caxias e de todos os prêsos políticos portugueses."

MENSAGEM DA FDIM ÀS MULHERES PORTUGUESAS

Por ocasião da Jornada Internacional da Mulher, a Federação Democrática Internacional das Mulheres dirigiu às mulheres portuguesas e a todos os prêsos políticos portugueses em geral a mensagem cujo texto abaixo publicamos:

"Queridas amigas:

É com o maior interesse e a mais profunda emoção que a Federação Democrática Internacional de Mulheres vem acompanhando os vossos largos anos de sofrimento e de lutas contra o fascismo, pelas liberdades públicas, pela conquista da democracia, de cuja conquista dependerá o bem-estar e a tranquilidade das famílias e do povo português. Em tôdas as oportunidades temos denunciado os métodos brutais de repressão de que sois vítimas, também as injustas condenações que com a aplicação de uma aberração jurídica — "as medidas de segurança" — vêm se transformando em condenações à prisão perpétua.

Assim, é que os vossos sofrimentos e as vossas lutas estão sempre, presentes nas nossas exigências de respeito aos direitos humanos, nas ações de solidariedade das quais participam mulheres de todos os continentes que se comovem com o vosso exemplo de fidelidade às causas de libertação de vosso povo e dos povos que vivem sob o jugo colonial português.

O Movimento Democrático das Mulheres Portuguêsas, falando da Fortaleza de Caxias, onde muitas de vós estais encerradas, há muitos anos, diz o seguinte: "Fortaleza de Caxias. Fortaleza do silêncio! Através de teus corredores, de tuas celas, de teus "segredos", uma só palavra ressôa: Solidariedade! Seu éco atravtssa as paredes e chega até o coração das mulheres e dos homens, por tôda a parte". E nós aproveitamos a data em que se comemora a Jornada Internacional da Mulher, para reiterar-vos a nossa solidariedade, a vós e a todos os presos anti-fascistas portugueses, e que a nossa mensagem de solidariedade ressôe nos corredores, das celas, dos segredos da Fortaleza de Caxias, da Fortaleza de Peniche e das demais prisões, em nome de milhões de mulheres do mundo inteiro que, juntas, ajudam a tôdas as forças progressistas a plantarem as sementes das liberdades democráticas e da Paz mundial."

SALVEMOS VARELA GOMES E JOSE ROLIM!

Segundo as ultimas informações recebidas dos presidios fascistas, o estado de saúde do capitão Varela Gomes e de José Rolim continua a inspirar sérios cuidados. A PIDE recusa-se a permitir que àqueles dois patriotas seja prestada a assistência médica de que ambos têm urgente necessidade.

A campanha que no interior se vem desenvolvendo no sentido de forçar as autoridades fascistas a consentir na imediata hospitalização de Varela Gomes e José Rolim repercutiu já no estrangeiro, onde numerosas vozes se unem às dos democratas portugueses com o objetivo de salvar as vidas daqueles dois patriotas.

TORTURADOS PRESOS POLÍTICOS

Embora, como sempre acontece, a PIDE mantenha rigoroso silencio em tôrno da situação de vários antifascistas por ela detidos há meses e que faziam parte de uma organização intitulada FAP, sabe-se que todos êles têm sido submetidos à tortura. Damos, a seguir, os seus nomes: Francisco Martins Rodrigues, João Pulido Valente, Ruy D'Espiney, Sebastião Martins dos Santos, João Evaristo de Jesus Martins, Segastião Santos Silva, Manuel Jimenez Quiros, Victor Catanho da Silva, José Luis Machado Feronha, João Natividade Figueiredo e Rita Gandara Gonçalves D'Espiney.

Não obstante discordar frontalmente dos processos de luta preconizados por êsses antifascistas e condenar as suas atividades divisionistas, PORTUGAL DEMOCRATICO, fiel à sua linha de intransigente defesa dos direitos da pessoa humana, protesta com veemencia contra o tratamento bárbaro dispensado na PIDE a êsse grupo de prêsos políticos, solidarizando-se com os esforços desenvolvidos no sentido de sua libertação.

Portugueses do Brasil Dirigem-se à C.D.H

A propósito das últimas prisões de antifascistas realizadas pela PIDE, as organizações democráticas portuguêsas do Brasil enviaram à Comissão dos Direitos do Homem o documento que abaixo reproduzimos:

"A nova vaga de terror policial que se abate sôbre Porugal obriganos, na qualidade de representantes das organizações democráticas portuguêsas do Brasil, a dirigirmo-nos outra vez à Comissão dos Direitos do Homem a fim de a pôr ao corrente de fatos extremamente graves que atentam contra os princípios da Declaração Universal dos Direitos do Homem da Carta das Nações Unidas subscrita pelo govêrno de Oliveira Salazar.

Segundo as últimas informações, as autoridades de Lisboa estão intensificando ao máximo a repressão. A polícia política (PIDE) transformou a sua séde em salas de tortura onde a música procura cobrir os gritos dos supliciados. Os tribunais, através processos que são palhaçadas, condenam sistemàticamente os adversários do regime. Além disso, *as medidas de segurança* continuam a ocupar no sistema penal português uma posição especial. Por isso mesmo, numerosos prisioneiros, após terem cumprido as penas continuam encarcerados. Os casos de JOSE' VITORIANO e de SOFIA FERREIRA cuja libertação é nêste momento o objetivo de uma campanha internacional constituem exemplos desse estado de coisas. As declarações de prêsos que conseguiram evadir-se dos presídios portugueses, como Francisco Miguel, constituem por sua vez, um ato de acusação irrefutável contra o regime penitenciário e contra as torturas que sofreram.

Ora, apesar de tôdas as declarações do govêrno português, com vista a aplacar a vaga de indignação mundial suscitada pelo repugnante crime político em que perderam a vida o General HUMBERTO DELGADO e sua secretária ARAJARIR CAMPOS, abatidos pela PIDE — segundo prova já feita pela justiça espanhola — os fatos demonstram que a política de terror policial se está intensificando em Portugal. Entre as últimas prisões de democratas contam-se as de antifascistas tão conhecidos como ROGÉRIO DE CARVALHO, dirigente sindical; ALVARO VEIGA DE OLIVEIRA, engenheiro; JOÃO MANUEL SANTOS CALHAU, oficial miliciano e VIEIRA DE ALMEIDA, arquiteto.

Embora presos há várias semanas — Rogério de Carvalho foi detido em dezembro — a polícia política recusa-se a prestar quaisquer informações sôbre a sua situação e mantém todos em regime de rigorosa incomunicabilidade. A acusação que pesa sôbre todos é a de sempre "atividades contra a segurança do Estado". Sabe-se, contudo, que foram torturados. VEIGA DE OLIVEIRA, especialmente, teria sido brutalmente espancado durante os interrogatórios e a sua recusa de prestar declarações fêz com que não o deixassem dormir durante quinze dias.

É necessário que êsses fatos sejam divulgados e condenados. A repressão em Portugal é um crime contra a humanidade no seu conjunto.

É na qualidade de intérpretes da indignação de dezenas de milhares de democratas portuguêses residentes no Brasil que os signatários solicitaram a V. Exa., de acôrdo com as alíneas "b" e "e" do § 2 da Resolução 728 F (XXVIII do Conselho Econômico e Social da Organização das Nações Unidas) que submeta os fatos relatados neste documento à apreciação do plenário da Comissão para que o mesmo, dêles tome conhecimento e aja em conformidade.

Subscreveram o documento os mesmos nomes que figuram no texto enviado ao Presidente do Conselho de Segurança, que publicamos em outra página.

Como proíbi-los de ficar lá...

O conhecido humorista caroica Stanislaw Ponte Prêta é um grande amigo de Portugal e não poucas vêzes a sua coluna de "Última Hora" transforma-se em tribuna de denúncia do fascismo salazarista. Transcrevemos, abaixo- sem comentários a crónica que, sob o título acima, públicou no dia 22 de Março:

"Está no livro "Encanamentos e Salubridade das Habitações", já em 3.a edição em Lisboa, fazendo parte da coletanea da Livraria Bertrand: "Biblioteca de Instrução Profissional". É obra do engenheiro português João Emílio dos Santos Segurado e, no capítulo V, eu num guentei mais e resolvi transcrever. Lá vai:

'Instalações sanitarias (retretes coletivas) — Na instalação de retretes colctivas nos quartéis, escolas e, principalmente, nas grandes oficinas; é necessário adotar disposições especiais, por assim dizer: disciplinares, para evitar que o pessoal ali permaneça além do tempo indispensável. É de todos conhecido que os operários menos cuidadosos com os seus deveres, aproveitam a ida à retrete amiudadamente para abandonarem o trabalho. Recorre-se por isso a diversos meios que tornam incomoda a permanência nas retretes. As portas dos sanitários devem ser baixas, para que facilmente se veja de fora quem lá está. Usam-se muito as retretes turcas, onde as pessoas se têm de acocorar para delas se servirem, mas tem-se reconhecido que não é bastante isso, por não ser a posição incomoda para tôdas as pessoas. Também se costuma colocar nas retretes dêsse sistema uns descansos de ferro encastrados nas paredes e que correspondem aos sovacos e onde as pessoas ficam por assim dizer penduradas para fazer as necessidades. Ainda se tem usado o tampo das retretes bastante inclinados, para que o pessoal não fique bem sentado, mas apenas encostado, numa posição bastante incomoda, mas todos êsses dispositivos são ineficazes quando se trata de mandriões incorrigíveis. Recorre-se, igualmente, à ação da água ou do vapor. Periodicamente lança-se nas retretes uma violenta corrente, que as lava, arrastando os dejectos, mas dirigida de um modo que uma parte da água molhará as pessoas que ali estiverem sentadas ou acocorocadas; mas exige esta disposição que se disponha de um volume considerável de água, o que nem sempre sucederá. Empregando as retretes do sistema Doulton já descritas pode usar-se com o mesmo fim a descarga de vapor das máquinas, feita na canalização; a temperatura do calor é bastante para queimar ou, pelo menos, tornar insuportável a permanencia nas retretes. Um meio preconizado por industriais para evitar a permanencia do seu pessoal nas latrinas, é mantê-las num estado de imundicie tal que o cheiro afugenta dali os operários logo após satisfazerem suas necessidades".

Texto extraído — sem comentarios — das páginas 148 e 149 do livro do engenheiro acima mencionado.

Pequenas Notícias

● O jornal **"Lusitano"**, que se publica em Montreal, no Canadá, denuncia num editorial intitulado "Mais papista que..." as mentiras da imprensa fascista dos Açores, empenhada em ocultar as verdadeiras razões da emigração dos portuguêses.

● As Fôrças Armadas Francesas dispõem agora, por concessão de Salazar de um hospital privativo na ilha das Flores.

● As receitas do turismo, segundo o Subsecretário de Estado da Presidência do Conselho devem exceder este ano 4.500.000 contos, sendo presentemente a maior fonte de divisas do País. E tudo a guerra colonial consome...

● Como em Portugal raros são os que querem ir para Angola, o govêrno encontrou uma solução para manter a política de entrada de "colonos". Decidiu levar para Angola os flagelados da Ilha de São Jorge. Só da Vila das Velas seguiram para ali agora 60 famílias, algumas com mais de 10 filhos.

● Os Estados Unidos têm em Portugal um dos melhores clientes de uma exportação que só tem mercado nos países mais atrasados e miseráveis: a de roupas usadas. Em 1965, o Portugal de Salazar adquiriu nos EUA nada menos de 400 toneladas. O jornal "Semana Portuguêsa", de S. Paulo, comenta largamente o caso.

● O comandante Francisco de Oliveira Pio, que foi companheiro e grande amigo do general Humberto Delgado, divulgou no Rio um documento em que critica severamente o provocador Henrique Cerqueira, presumível elemento ao serviço da PIDE.

● **Na sua prestação de contas como ministro do Ultramar, o sr. Silva Cunha deu particular relêvo ao seu trabalho no setor da "segurança". Orgulhou-se o ex-menino da Mocidade Portuguêsa de ter reforçado sensivelmente os "dispositivos das várias polícias e das Organizações Provinciais de Voluntários, bem como do Corpo de Milicia de Moçambique".**

● **O govêrno vai gastar quase 600 contos com a construção de um novo quartel de policia em Tomar.**

● **A impopularidade da guerra colonial é tanta que o govêrno fascista teve grande dificuldade em reunir um grupo de pescadores para desenvolverem a pesca naquela colonia, apesar das grandes vantagens oferecidas aos interessados.**

● **O aumento do tráfego ferroviário entre Moçambique e a Rodesia — a provar o bom funcionamento da aliança Salazar — Smith — é de tais proporções que o govêrno português comprou 16 novas locomotivas nos Estados Unidos, quatro das quais já devem ter sido entregues.**

● **Para mitigar um pouco a fome que lavra em Cabo Verde, vão ser importadas 10.000 toneladas de milho angolano.**

● **A propósito do caso do petroleiro "Joana V", a embaixada da Holanda em Lisboa protestou contra a revelação feita pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros de que um banco dos Países Baixos contribuíra para o financiamento da carga destinada a Ian Smith. O govêrno de Salazar respondeu que não via razão para esconder aquêle fato, uma vez que a Holanda manifestava com frequência "incompreensão dos legítimos interêsses portuguêses".**

● **O jornal "A Voz de Portugal" (vulgo "A voz do dono") não entendeu que a abstenção da URSS e das nações africanas na votação realizada no Conselho de Segurança sôbre a questão rodesiana, teve como motivo o fato de a Resolução aprovada ser tida como manifestamente insuficiente. Para "a voz do dono", esses países abstiveram-se por acharem uma iniquidade (sic) o "bloqueio" britânico...**

● **Portugal importou da Argentina 2.700 toneladas de carne, no valor de quase 50.000 contos portuguêses. Entretanto, a propaganda fascista continua a falar dos "êxitos" da política de fomento pecuário do regime, esquecida de que Portugal ocupa o último lugar na Europa no consumo "per capita" de carne.**

TABELA DE ASSINATURAS

Países	Preço anual	Exemplar
Via aérea:		
Estados Unidos, Canadá e América Latina	US$ 5,00	5 cents
Inglaterra	2—0—0	4 sh.
Alemanha	DM 20,00	DM 2,00
Bégica	FB 270	FB 30
França, Argélia e Marrocos	NF 25	NF 250
Holanda	DGld. 20	DGld. 2
Suiça	FS 20	4 sh.
Africa do Sul	R: 4,00	2$50
Portugal	Esc: 150$00	15$00
Assinatura Especial para qualquer país	US$ 10,00	
Via marítima:		
	US$ 5,00	

Lições de uma greve vitoriosa

Nas vésperas do 1.o de Maio, quando o povo português e particularmente o seu heróico proletariado se prepara para uma grande jornada de luta contra o fascismo parece-nos oportuno recordar uma grande vitória da classe operária portuguêsa alcançada no ano passado precisamente a assinalar a data que os trabalhadores de todo o mundo vão celebrar dentro de dias: a greve de Pero Pinheiro.

A greve de 14 dias dos 5.000 operários de Pero Pinheiro não pode ser encarada como acontecimento isolado. Ela veio culminar todo um longo processo de lutas reivindicativas parciais, mostrando a justeza da orientação traçada pelas fôrças do movimento unitário que combate o fascismo.

ANTECEDENTES

Tudo começou muitos meses antes. Encarnando o descontentamento profundo das massas trabalhadoras da região contra a política de fome, de guerra e de miséria do govêrno fascista, os operários marmoristas de Pero Pinheiro iniciaram, logo em janeiro, uma série de pequenas lutas reivindicativas como prelúdio da grande batalha cuja estratégia e tática ia tomando forma no espírito dos seus dirigentes.

O primeiro sintoma do que estava para vir foi o pedido de aumento de 20% apresentado por uns 60 operários da *MARMINDUSTRIA PORTUGUESA LTDA.*, uma das numerosas emprêsas que operam no ramo de mármores, a maior riqueza da região. Paralelamente ao pedido de 10 escudos diários de aumento, os trabalhadores realizaram duas concentrações, uma no Sindicato e outra na emprêsa, para apoiarem a sua justa reivindicação. Uma primeira vitória foi logo alcançada através da obtenção de um aumento salarial de 2$50 diários.

Entretanto, numa outra emprêsa, o *PARDAL MONTEIRO*, o pessoal iniciava a sua movimentação conseguindo um aumento de 4%.

Nos mêses de fevereiro e março é feita em tôda a região uma ampla agitação com manifestos, prospectos e inscrições nas paredes, contendo palavras de ordem para a jornada do 1.o de Maio. Como as emprêsas são muitas e os trabalhadores mantêm poucos contactos devido a essa dispersão, toma forma a idéia da constituição de uma Comissão de Unidade Sindical. Sem quebra das reivindicações parciais em cada uma dessas pequenas firmas, impõe-se a tese que preconiza o desenvolvimento da luta na base do Sindicato, muito embora se saiba que a sua direção serve dócilmente o patronato e se mostra disposta a cumprir as ordens recebidas das autoridades fascistas.

No dia 4 de abril realiza-se a primeira concentração importante no Sindicato, e no dia 29 a segunda. A Comissão de Unidade Sindical apresenta então a reivindicação dos 10 escudos diários.

O desencadeamento da greve era já nessa altura uma certeza. Faltava, porém, marcar a data. Havia o desejo compreensível que a deflagração do movimento coincidisse com o 1.o de Maio. Mas era cedo. De qualquer modo, Pero Pinheiro era já então uma dor de cabeça permanente para o aparêlho de repressão do regime. Os patrões mostravam-se alarmados.

Dando provas de notável senso de responsabilidade e de grande descortino, os dirigentes dos trabalhadores decidiram adiar a eclosão da greve, a fim de permitir a realização de um trabalho de esclarecimento mais intenso e amplo, para ganhar para o movimento maior número de operários.

AS CONCENTRAÇÕES PREPARATÓRIAS

No dia 4 de maio, mais de 1.000 trabalhadores compareceram a concentração no Sindicato. O presidente, aterrado, implorou que abandonassem as instalações, pràticamente ocupadas pelo pessoal, fazendo na altura várias promessas que os manifestantes receberam com vaias. No auge da concentração, alguns operários jogaram pelas janelas os cartazes e livros de propaganda fascista que encontraram à mão.

No dia 7, realizou-se nova concentração, ainda mais imponente, à qual compareceram 2.000 operários.

A pedido dos patrões, a Guarda Nacional Republicana ocupara o edifício do Sindicato. Registraram-se nesse dia os primeiros choques, durante os quais os trabalhadores revelaram uma extraordinária combatividade, não se deixando amedrontar pelo aparato bélico e respondendo à violência com a violência. Apesar de estarem armados de metralhadoras, os soldados da GNR não dispararam. As manifestações e os choques prolongaram-se das 18,30 às 23 horas.

A GREVE

A partir dêsse dia, todo o trabalho de agitação e organização foi canalizado para a preparação da greve.

A PIDE já se havia instalado na região e desenvolvia intenso trabalho, procurando intimidar os operários e as famílias. Brigadas do Ministério das Corporações e do Instituto Nacional do Trabalho percorriam simultaneamente as emprêsas, uma por uma, tentando desencorajar o pessoal da idéia da greve.

Essas manobras fracassaram completamente. A greve foi marcada para o dia 19. E nêsse dia, num movimento magnífico, comovedor, a paralização foi geral em tôda a região. 5.000 operários cruzaram os braços, não comparecendo ao trabalho nas dezenas de emprêsas onde se concentra a indústria de mármores e cantarias. O entusiasmo entre os trabalhadores era tanto que quase todos os dias houve em Pero Pinheiro concentrações de milhares dêles, saindo dali piquetes de greve para fiscalizar o acatamento da vontade da classe.

A REPRESSÃO

Como era inevitável, a repressão abateu-se com tôda a brutalidade sôbre os grevistas. Mas êstes estavam psicològicamente preparados para enfrentar os esbirros da GNR e da PIDE Nem o aparecimento da cavalaria os intimidou.

Os choques, principalmente em Pero Pinheiro, foram contínuos. A região foi ocupada militarmente e estabelecidas nas estradas e caminhos vicinais patrulhas que semeavam o terror indiscriminadamente. Logo no primeiro dia, a GNR abriu fogo sôbre os grevistas, ferindo vários operários. A PIDE, pelo seu lado, prendeu dezenas de trabalhadores.

Uma das lições da greve foi a inesperada impressão que os argumentos dos operários causaram em muitos soldados da GNR. Quando os operários gritavam: "Vão-se embora! Só queremos aumento de salário. Vocês também são filhos de trabalhadores e não devem intervir contra outros trabalhadores. É a miséria a lutar contra a miséria!" — muitos soldados hesitavam, mostrando-se perturbados, sem saber o que fazer.

Quatorze dias durou a greve. No dia 2 de junho o Comitê de Greve decidiu o regresso ao trabalho.

A VITÓRIA

Embora as reivindicações dos trabalhadores não tivessem sido atendidas, havia a impressão generalizada de que a repercussão política do movimento, já então tema de comentários na imprensa estrangeira, não poderia deixar de trazer a vitória aos que dêle haviam corajosamente participado. Além do mais, a repressão aumentava e a fome atingia milhares de lares da região.

Essas previsões não tardaram a ser confirmadas pelos acontecimentos. Em princípios de agôsto, os operários obtiveram um aumento geral de salários.

Os aumentos conseguidos oscilaram segundo as categorias profissionais entre cinco e oito escudos diários. Menos portanto do que o pessoal reivindicava. Mas não houve um só operário que não compreendesse que só graças à deflagração da greve os patrões haviam cedido.

Ao recordar, em breves palavras, a heróica e vitoriosa luta dos marmoristas de Pero Pinheiro, "*PORTUGAL DEMOCRÁTICO*" aponta-a como exemplo a todos os trabalhadores portuguêses. Êles souberam demonstrar uma vez mais que a unidade é uma fôrça invencível e que a greve nas mãos dos trabalhadores é uma arma que o aparêlho repressivo do fascismo não consegue vencer.

SALAZAR NA IMPRENSA MUNDIAL

A santa aliança

(...) É de todo em todo evidente que as sanções econômicas contra o regime de Smith só podem ter exito no caso de se estabelecer um bloqueio internacional das colonias portuguesas e da Republica da Africa do Sul. Não é por acaso que os países socialistas e muitas nações independentes da Asia e da Africa pediram insistentemente a aplicação de sanções justamente contra aqueles países. Estas justificadas petições tropeçaram sempre na ONU e noutras organizações internacionais com a resistência da Inglaterra, dos Estados Unidos e de outros países imperialistas. O governo trabalhista seguindo a politica dos conservadores, opõe-se ao boicote decidido pelas Nações Unidas e amplia consideravelmente o comércio com a Africa do Sul e os seus investimentos nesse país. Ao anunciar no parlamento o embargo ao petroleo. Wilson tranquilizou uma vez mais os simpatizantes conservadores de Smith, revelando que a Inglaterra se oporia ao bloqueio de Moçambique e da Republica da Africa do Sul, necessário para garantir esse embargo.

(...) O problema de Zimbabwe (*nome africano da Rhodesia N. da R.*) e do seu futuro não pode ser desvinculado do problema da Republica da Africa do Sul, com a qual este país está ligado não apenas geograficamente senão também no terreno economico, político e militar. Juntamente com as colonias portuguesas, a Republica da Africa do Sul e a Rhodesia integram a *non sancta* aliança. Pretoria-Salisbury-Lisboa, principal base da estrategia geral do imperialismo na Africa, baluarte do colonialismo e trampolim para a penetração e as intrigas do imperialismo em nosso continente.

O imperialismo mundial investiu nesta zona enormes capitais cuja soma aumenta ràpidamente. Segundo calculos oficiais, os investimentos ingleses na Africa do Sul ascendem a mil milhões de libras esterlinas (mais de setenta milhões de contos portugueses — N. da R.). E não faz muito tempo, a revista *Newsweek* informava que os investimentos norteamericanos alcançam aí 600 milhões de dólares. Outros países capitalistas e particularmente a Alemanha Ocidental, a França e o Japão estão aumentando a sua participação na economia da zona do apartheid. Os investimentos estrangeiros não se limitam aos setores tradicionalmente colonialistas, como o mineiro, estendendo-se também às industrias de produtos manufaturados, aos seguros e ao comercio."

(in "Revista Internacional", Praga, Fevereiro de 1966)

Emigração

Joaquim, Manuel, Pedro ou qualquer outro cidadão português que deixar o país ilegalmente, como emigrante, está desde ontem sujeito a uma pena de dois a oito anos. De acordo com a nova lei, *irão para a cadeia todos os portugueses que requererem passaportes de turistas quando tiverem a intenção de emigrar e empregar-se em outras nações.* O governo de Lisboa decidiu recorrer a medidas extremas para controlar a saída de cidadãos que deixam o país em busca de melhores salários. Sòmente no ano passado, mais de 10.000 portugueses transferiram-se para países membros do Mercado Comum Europeu.

(...) Mas como não há lei nem pena que altere os fatos, dificilmente o decreto do govêrno português deterá a emigração maciça de trabalhadores. Em busca de melhores salários, melhores condições de vida e perspectivas mais amplas, os trabalhadores espanhois, portugueses, gregos e turcos continuarão a deixar seus países atraídos pelas oportunidades oferecidas pelas industrias da Alemanha Ocidental, França, Belgica, e Holanda. Continuarão afluindo aos milhares aos países do MCE, correndo ou não o risco de dar com os costados na cadeia.

(...) O operário português não vacila em deixar — sempre que pode — as margens do Tejo em busca de novas e melhores oportunidades mas a emigração portuguesa para os países desenvolvidos da Europa já está prejudicando a produção agrícola do país e foi por isso que o regime de Salazar resolveu acabar com ela.

Mas isso vai ser muito dificil, pois hoje tem até chinês de Hong Kong trabalhando nos estaleiros de Verolme em Roterdam. E os chineses não são melhores do que Manuel, Joaquim ou Pedro.

(in "Jornal da Tarde — O Estado de São Paulo", 12-4-66)

Boa Impressão...

Um grupo de "deputados" de Salazar deslocou-se em Março a Bissau, na Guiné dita portuguêsa, tendo, a partir dali visitado Bolama e mais duas ou três povoações na estreita faixa do território controlada pelas tropas portuguêsas. No regresso dessa visita de propaganda, o general Barbieri Cardoso teve o descaro de declarar no aeroporto de Lisboa:

"Regressamos muito bem impressionados com tudo o que vimos na Guiné. Tudo ali está bem e o desenvolvimento manifesta-se em tôda a parte. Na verdade fomos acolhidos em todos os lados — quer no litoral, quer no interior, com manifestações de amizade e uma franqueza que eu — confesso — não esperava".

O trecho é de antologia. Gostariamos de saber efetivamente o que o general Barbieri e os seus companheiros de rebanho viram na Guiné, onde, o "desenvolvimento" — se exceptuarmos o terço do território libertado pelos patriotas do PAIG — é de tal ordem que o país, tradicional exportador de arroz, se vê agora na contingência de importar êsse cereal do Brasil. Quanto à surprêsa que lhe causou a acolhida amigável das autoridades fascistas, somos nós a confessar que não entendemos... Recearia o general que o "pacificador" Schultz maltratasse os seus cordeirinhos da assembléia salazariana?

PORTUGAL DEMOCRATICO

DIRETOR RESPONSAVEL
Otávio Martins de Moura
SUCURSAL
RIO DE JANEIRO: Rua General Pedra, 215 — Tel.: 43-0202
REPRESENTANTES
RECIFE: Manuel Luis Fernandes e Angelo Ferreira da Silva — Rua Real da Torre, 819 — 1.º
CURITIBA: A. Ferrer — Rua João Pessoa, 67
LONDRINA: Julio Duarte — Edificio Centro Comercial — Apto. 141
PORTO ALEGRE: Carlos Noronha Feio — R. Dr. Flores, 26 — Rio Grande do Sul
PELOTAS: Heitor M. Bandeira — Rua 7 de Setembro, 312 — Pelotas — Rio Grande do Sul
INGLATERRA: Portuguese And Colonial Bulletin — 10 Fentiman Road, London, S.W. 8
BRUXELAS: Carlos Siqueira — Rue Jolly, 77 Schaerbeek — Bruxelles 3
HOLANDA: ANGOLA COMITE — Vinkenstraat 13 — Amsterdam — C.
CANADÁ: Portuguese Canadian Democratic Association 10 — Eden Place Toronto 2B — Ontário
A. dos Santos
7564 d'Outremont Ave. — Apt. 1 Montreal 15, P.Q.
VENEZUELA: Junta Patriótica Portuguesa — Apartado 8287 — Caracas
URUGUAI: Junta Patriótica Portuguesa del Uruguay Casila de Correo n.º 2.128 — Distrito 5 — Montevideu
CHECOSLOVAQUIA: João Ribeiro — Postovnú Urada — Praha
FRANÇA: Grupo de Amigos de "Portugal Democrático" — 29, Rue St. André des Arts. — Paris — 6 ème.
REDAÇÃO:
Rua Conselheiro Furtado, 191 Sala 2 — Tel.: 37-0933 — São Paulo
Caixa Postal 6248
EXPEDIENTE:
Dias úteis: das 19 às 22 horas
Sábados: das 15 às 19 horas
Número avulso . . . . Cr$ 50
Assinatura anual . . Cr$ 1.500

ANO X — N.º 106 — Maio 1966

Os artigos assinados traduzem apenas a opinião de seus autores, sendo por conseguinte de sua exclusiva responsabilidade.

UM EXITO EDITORIAL:

Portugal e o fim do Ultra - Colonialismo

— *de Perry Anderson*

TREMENDO LIBELO CONTRA O FASCISMO E O COLONIALISMO

À venda nas livrarias
Pedidos à Civilização Brasileira
Rua 7 de Setembro 97, Rio de Janeiro

O "Bloqueio" à Rodésia e as Provocações de Salazar

A crise internacional aberta no final do ano passado com a declaração unilateral de "independência" da Rodésia· que veio confirmar a disposição de uma minoria racista de 220.000 brancos de reservar para si o poder político e econômico em detrimento dos direitos de .... 4.000.000 de africanos, agravou-se sensívelmente no passado mês de abril.

Com a sua folgada vitória nas eleições, o govêrno trabalhista do sr. Harold Wilson viu-se forçado a "endurecer" a sua atitude em face da rebelião do sr. Ian Smith, muito embora se saiba que o Reino Unido não está realmente interessado em derrubar o govêrno fascista de Salisbury cuja sobrevivência constitui, de certo modo um escudo protetor dos fabulosos investimentos britânicos na África austral.

De qualquer modo, o bloqueio fantasma, que só funcionava oficialmente, teve, pelo menos no tocante ao abastecimento de combustíveis líquidos· de passar a um começo de aplicação real· O sr. Ian Smith sofreu assim os primeiros dissabores, com o encerramento do oleoduto Beira-Untali. A já chamada *santa-aliança* Pretória-Salisbury-Lisboa esteve lògicamente em foco nas últimas semanas. E, o fato é que, apesar das derrotas parciais sofridas pelos três parceiros, nem Ian Smith, nem Salazar, nem Verwoerd deixaram em momento algum de agir de acôrdo, demonstrando a firme intenção que os anima de estreitarem os laços que os unem, de modo a que a África austral continui sendo um bastião do colonialismo e do fascismo racista. Deve acentuar-se que o govêrno e os armadores gregos não hesitaram em se tornar cúmplices dessa trindade sinistra.

A EVOLUÇÃO DA CRISE

Para pôr à prova o "bloqueio" britânico, o sr. Ian Smith· com o auxílio de uma vasta rêde de cumplicidades internacionais, agiu de modo a que, nos primeiros dias de abril, inesperadamente, dois grandes petroleiros se apresentassem no Canal de Moçambique navegando com rumo à Beira. Os navios de guerra britânicos, sem ordens expressas, deixaram passar o primeiro: o "Joanna V", que arvorava o pavilhão grego. Foi essa uma primeira vitória de Ian Smith. Entretanto, o navio não chegou a descarregar as 18.000 toneladas de petróleo que transportava· pois o Conselho de Segurança, convocado pela Inglaterra, aprovou no dia 9 uma Resolução nos têrmos da qual o govêrno britânico era autorizado a impedir pela fôrça, se necessário o desembarque na Beira de petróleo destinado à Rodésia; e Portugal e a África do Sul eram exortados a tomarem as providências necessárias para impedir o abastecimento de combustíveis ao govêrno rebelde de Salisbury, mas a própria Grã-Bretanha, que convocara a reunião, não estava, óbviamente· interessada em ir mais longe...

A resolução aprovada bastou, entretanto, para despertar a cólera de Salazar que recebeu mal o enviado do Foreign Office, lord Walston. Durante vários dias manteve-se o "suspense" em tôrno do "Joanna V". Chegou-se a anunciar que as próprias autoridades portuguêsas forçariam o capitão a descarregar o petróleo. Se êste tivesse anuido às pressões feitas nêsse sentido, nenhuma dúvida há de que o carregamento teria sido integralmente bombeado pelo oleoduto para a grande refinaria de Untali. Uma fragata portuguêsa, em manobra intimidatória chegou a colocar-se ao lado do navio e, no terminal do porto fizeram-se ostensivos preparativos para a descarga. Os armadores, porém, assustaram-se. Em primeiro lugar porque o govêrno de Atenas, preocupado com o rumo dos acontecimentos retirou a nacionalidade grega ao "Joanna V". O navio, mediante acôrdo, passou então a arvorar o pavilhão panamenho. Mas até êsse expediente falhou. O Panamá recuou e o petroleiro ficou sem bandeira e pôrto de matrícula.

Mas Salazar não desistiu· Segundo declarações feitas em Atenas por Vard Inoyannis, armador do "Joanna V", as autoridades da Beira fizeram pressão até ao fim sôbre seu irmão George, capitão do navio, para que descarregasse o petróleo no terminal "e que depois se veria". No momento em que redigimos estas linhas· o barco, com a bandeira portuguêsa içada, encontra-se ainda fundeado na Beira.

Um segundo petroleiro, também grego, o "Manuela", com 16.000 toneladas de petróleo, não conseguiu chegar à Beira, onde se destinava, pois, com base na Resolução do Conselho de Segurança, a marinha britânica interceptou-o a 180 milhas daquêle pôrto, obrigando-o a desviar o rumo e a entrar em Durban, na África do Sul.

Resta acrescentar que· segundo o jornal "Daily Sketch", de Londres, dois outros petroleiros gregos, "Leonidas" e "Nichos V", teriam deixado a Venezuela no 6 de abril com destino à Beira, com petróleo adquirido para o govêrno de Ian Smith, pela Sociedade Sul-Africana Morrison.

Como era de esperar· a imprensa fascista de Lisboa vem vomitando torrentes de insultos sôbre as Nações Unidas e sôbre a Inglaterra, cuja atitude, aliás bem tímida, é considerada como uma "ameaça à paz". Para que os leitores possam avaliar a que ponto chega o delírio desses pasquins, transcrevemos, a seguir, algumas palavras de um editorial do "Diário da Manhã", do dia 10 de abril, intitulado "Mais ilegalidade e violência": "A ilegalidade e a violência são patentes. Vemos as Nações Unidas, baluarte da paz, campeã da liberdade e signatárias das convenções marítimas de 1952 e 1958 para a liberdade dos mares· transformadas numa ameaça contra a paz e a segurança dos mares".

Não se pode dizer que Salazar não faça o possível por ajudar o parceiro em dificuldades...

Posição de Portugueses do Brâsil

As organizações democráticas portuguêsas do Brasil entenderam que, ante a situação criada, deviam definir a sua posição. Nêsse sentido, enviaram com data de 13 de abril, ao presidente do Conselho de Segurança, embaixador Moussa Leo Keita· o documento que abaixo publicamos:

Sr. Presidente:

Os democratas portuguêses do Brasil acompanharam com a maior atenção a reunião do Conselho de Segurança que aprovou a Resolução de 11 de abril cujos ítens 2 e 3 suscitaram imediatos protestos do govêrno fascista de Salazar.

Porque as posições oficiais de Lisboa não interpretam de modo nenhum os sentimentos reais do povo português sôbre a questão rodesiana, os signatários consideram-se no dever de vir perante V. Exa., na sua qualidade de presidente do órgão executivo da mais alta organização internacional, precisar os seguintes pontos:

1) O povo português condena a guerra colonial em que, contra a sua vontade, se vê envolvido, e bem assim as alianças do govêrno de Lisboa com os governos fascistas e racistas de Salisbury e Pretória.

2) Os democratas portuguêses do Brasil, tendo apoiado as Resoluções do Conselho de Segurança de 31 de julho e de 12 de dezembro de 1963 e a de 23 de novembro de 1965, que condenavam a política africana do Govêrno de Salazar não podiam senão encarar com simpatia os esforços atuais do mesmo órgão para impedir a ajuda de Lisboa ao govêrno do sr. Ian Smith· Consideram, entretanto· insuficientes as simples recomendações da Resolução de 9 de abril corrente.

3) Sòmente a imposição pelo Conselho de Segurança ao Govêrno de Lisboa de medidas práticas adequadas ao cumprimento das suas Resoluções anteriores, tendo em vista o fim imediato do estado de guerra em Angola, em Moçambique e na Guiné dita Portuguêsa, poderia criar condições favoráveis ao estabelecimento de um clima de paz e democracia na África Austral.

4) O terror policial reinante em Lisboa — motivo do documento de que juntamos cópia, endereçado pelos signatários à Comissão dos Direitos do Homem — constitui a prova mais flagrante de que o govêrno de Salazar continuará insensível a tôda e qualquer pressão internacional enquanto a mesma permanecer no terreno puramente diplomático e não fôr acompanhada por iniciativas concretas.

Com os nossos cumprimentos, apresentamos a V. Excia., sr. presidente, os protestos da nossa elevada consideração.

a) Ruy Luiz Gomes· ex-candidato à Presidência da República; João Sarmento Pimentel, presidente do Centro Republicano Português; Prof. José Morgado, pelos Portuguêses Democratas de Recife; Joaquim Barradas de Carvalho, pela Unidade Democrática Portuguêsa; Maria Archer, pela União das Mulheres Portuguêsas; e Miguel Urbano Rodrigues, pelo jornal "PORTUGAL DEMOCRÁTICO".

Leia:

"Missão em Portugal", de Alvaro Lins

"Ibéria, Anistia, Revolução", de Jonas Negalha

"Salazar Visto do Brasil"

"Angola Através dos Textos"

"Os Últimos Dias do Fascismo Português", de Maria Archer

"Quando os Lobos Julgam", (a defesa de Aquilino Ribeiro)

"A Resistência em Portugal" crônicas de Dias Coelho, patriota assassinado pela PIDE.

PEDIDOS A NOSSA REDAÇAO

A juventude fascista — cadetes da Mocidade Portuguêsa — desfila a cavalo nos Restauradores. Felizmente, por cada jovem que aceita os mitos do regime há milhares que se batem nas Universidades, nas fábricas e nos campos pela libertação de Portugal.

ÚLTIMA HORA

Recomeçam os Horrores no Inferno do Tarrafal

Apesar das repetidas declarações de Salazar de que o Tarrafal não voltaria a ser reaberto, as informações que nos chegam da Ilha de Santiago, em Cabo Verde, confirmam, com novos pormenores, o que vimos anunciando, isto é que o sinistro campo da morte lenta se encontra em pleno funcionamento.

Presentemente, o Campo é constituído por um conjunto de construções retangulares limitadas por uma cêrca de arame eletrificada e um amplo fôsso com um muro sôbre o qual guardas armados vigiam dia e noite.

Obedecendo a ordens de Lisboa, o diretor do campo mantém separados os prisioneiros de Angola e da Guiné· sendo particularmente duro o regime dos últimos.

O dormitório, onde os presos passam a maior parte do tempo, é uma vasta caserna dividida ao meio. Os angolanos têm como mobiliário algumas camas e são autorizados a fabricarem com caixotes bancos tôscos e outras peças· Já os guineenses apenas dispõem de esteiras, dormindo no chão, em condições deploráveis de higiêne. O refeitório é noutro barracão, onde se localiza também a "enfermaria".

Todos os prisioneiros são obrigados a levantar-se às 6 da manhã, mas apenas os angolanos têm direito ao pequeno almoço, que consta de pão negro e café· Segue-se o recreio, que funciona em dias alternados para angolanos e guineenses. A discriminação acentua-se ao almoço· também separado. Os angolanos têm direito a um prato de sopa e a arroz ou feijão com peixe. Os guineenses só recebem um prato.

As visitas, de acôrdo com o regulamento do campo, são rigorosamente proibidas, e a correspondência censurada· Quanto a jornais, apenas é autorizada a leitura de revistas desportivas ou de publicações de caráter cultural.

Só a determinadas horas os presos são autorizados a utilizar as instalações sanitárias e nunca de manhã, ao levantar.

A assistência médica é pràticamente inexistente, embora, devido à dureza do regime e ao clima doentio da região, a maioria dos presos esteja permanentemente doente, com moléstias no aparêlho digestivo e respiratório e nas vias urinárias· Durante tôda a semana há apenas duas horas para consultas. Aliás· a farmácia do campo é quase desprovida de medicamentos...

Luandino Vieira é um dos presos

Atualmente, o número de detidos no Campo ascende a uma centena, dos quais 60 são guineenses e 40 angolanos. Entre êstes figuram vários intelectuais. O grande escritor LUANDINO VIEIRA — cujo livro LUANDA recebeu o prêmio da Sociedade Portuguêsa de Escritores, originando a extinção — é um dêles e está condenado a 14 anos de prisão e a um período de "medidas de segurança" de três anos e meio. Cumprem ali idêntica pena os escritores ANTONIO JACINTO e ANTONIO CARDOSO.

"PORTUGAL DEMOCRATICO" pede a todos os seus leitores que participem da grande campanha em curso para o "encerramento real" do Tarrafal, enviando cartas, telegramas, abaixo-assinados ou simples postais a Salazar, ao "presidente" da República, exigindo o fim do campo da morte lenta.

A Farsa do "Bloqueio"

Tôda a "história" dos petroleiros não passa de um teste cuidadosamente montado pelo govêrno de Ian Smith, de acôrdo com portuguêses e sul-africanos, que colaboram em todos os seus planos. A tentativa falhou· mas isso de nenhum modo significa que o "bloqueio" britânico leve Salisbury à capitulação. Em Londres sabe-se perfeitamente que cêrca de 180.000 litros de combustíveis líquidos atravessam diàriamente as estradas que ligam a África do Sul à Rodésia. Ora, como o consumo normal rodesiano é de 240.000 litros, essas quantidades transportadas em carros-tanques sul-africanos permitirão a Ian Smith resistir indefinidamente ao "bloqueio" britânico· Numerosos órgãos da imprensa inglêsa, entre os quais o conspicuo "Finantial Times" apontam a própria circunstância de os podêres pedidos por Londres ao Conselho de Segurança abrangerem apenas o pôrto da Beira como uma prova de que Harold Wilson quer apenas manter um "bloqueio" de fachada.

PORTUGAL DEMOCRÁTICO
R. Cons. Furtado, 191 — SP. Brasil
Endereços de Assinantes